

A comunicação, a ciência e as ilusões perdidas

**Marli dos Santos
Francisco de Assis**

Faculdade Cásper Líbero | libero@casperlibero.edu.br

“Durante os seis primeiros meses de 1823, David Séchard viveu na fábrica de papel com Kolb, se é que se pode considerar ‘vida’ negligenciar sua alimentação, sua roupa e sua pessoa. [...] Houve um momento em que nada mais desejou senão a vitória. Estudou com maravilhosa sagacidade os resultados tão estranhos das substâncias transformadas pelo homem em produtos de sua conveniência, em que a natureza está, de certa forma, domada em suas resistências secretas, e disso deduziu belas leis industriais, observando que só era possível obter essas espécies de criações obedecendo às relações ulteriores entre as coisas, ao que chamou de segunda natureza das substâncias”¹.

Honoré de Balzac (1799-1850) tinha predileção pelo romance *Ilusões perdidas*, publicado originalmente em três partes, entre 1837 e 1845, a ponto de considerá-lo o principal livro (*l'oeuvre capitale dans l'oeuvre*) de sua vasta obra literária, a qual chamou de *A comédia humana*. Essa simpatia se deve, possivelmente, por ser o texto que melhor conseguiu

¹ BALZAC, Honoré de. *Ilusões perdidas*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011. p. 776-777.

expressar sua visão a respeito da França pós-Revolução. As ilusões perdidas de que nos fala o escritor consistem em uma crítica ao sistema dominante, moldado desde o Iluminismo e contraditório em si mesmo, porque a racionalidade ansiada como libertação das trevas medievais sucumbiu a outras ordens – do capital – que colocaram a própria razão em crise. Não por menos, Theodor W. Adorno (1903-1969) e Max Horkheimer (1895-1973)², posteriormente, lançaram olhar dialético para o esclarecimento, concluindo que os ideais iluministas fundantes do pensamento ocidental moderno não foram suficientes para criar um mundo melhor. A crise da razão desemboca – ou se origina, talvez – na perda das ilusões quanto a uma relação causal entre o aprimoramento técnico-científico que demarca a modernidade e uma experiência social que deveria priorizar as dimensões humanas da existência, a dignidade, o bem viver, a cultura, as artes, o conhecimento, a comunicação compreensiva, etc. Se se supunha que os avanços científicos e tecnológicos resolveriam os problemas sociais, a supremacia do capital mostrou que a evolução não se impõe sobre a ânsia pelo lucro. E isso nos alcança assim como alcançou a geração de Balzac, sobrepondo o que de melhor podemos gerar e abrindo terreno para disputas que não raramente terminam em destruições, massacres, extermínios. Daí que o último século foi rotulado por Eric Hobsbawm (1917-2012)³ como “era dos extremos”, termo que se mantém pertinente também para dizer sobre o século XXI e suas desordens.

As guerras, os conflitos e as crises – *locus* que se planejou privilegiar nesta edição de **LÍBERO** – demarcam a contemporaneidade. E desiludem. Porque desvelam sociedades despreparadas para contornar situações adversas, menos por falta de condições que pela incompatibilidade do capitalismo com gestos solidários. O lema “liberdade, igualdade, fraternidade”, herança iluminista invocada pela Revolução Francesa, não alcançou mais que um *status* de utopia sobre um porvir que nunca chegou e que possivelmente nunca chegará, porque os mesmos que o decantam não permitem que se a alcance em plenitude. Balzac avaliou bem o seu tempo e nos inspira a avaliar o nosso. A pandemia de Covid-19 corrobora essa crítica. Aliás, estabelecendo um paralelo com o pensamento de Hobsbawm – que identifica na Primeira Guerra Mundial (1914-1918) a “inauguração” século XX –, a historiadora Lilia Schwarcz⁴ compreende que o surto provocado pelo coronavírus demarca o início do século XXI. A peste que inaugurou novo tempo desencadeou problemas de toda ordem, mas especialmente fez ver as desigualdades e as injustiças que o dia a dia insiste em tentar camuflar. No Brasil, em específico, somou-se a isso o período tenebroso emoldurado pelos últimos quatro anos, em que um governo nefasto ascendeu ao poder, mas cuja origem é anterior. Estamos há quase uma década enfrentando retrocessos que atingem em cheio as intenções progressistas e os campos, como o da comunicação e o da ciência, cuja vocação – ainda que utópica – é manter a esperança na tríade liberdade-igualdade-fraternidade. Esse modo de ser no mundo deixa os condutores de projetos afeitos ao sistema dominante – em aberto flerte com o fascismo – apavorados, para dizer o mínimo.

² ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

³ HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

⁴ MARIANE, Paula. ‘O século 21 começa nesta pandemia’, diz Lilia Schwarcz. *CNN*, 4 jul. 2020. Disponível em: <<https://acortar.link/nnu8E>>. Acesso em: 20 dez. 2022.

O trecho posto em epígrafe do editorial narra situação metaforicamente análoga à que vivenciamos hoje. O personagem David Séchard, filho de um impressor, descobre com estranheza que a indústria da cultura, então em formação, na segunda década do século XIX, produz efeitos estranhos naquilo que (a ganância d) a humanidade busca transformar em produtos úteis. Tal como Séchard, assistimos embasbacados, na segunda década do século XXI, ao desenrolar das tensões geradas pelas mesmas forças capitalistas que Balzac denuncia. Assim foi há 200 anos, assim é nos nossos dias. As possibilidades e as potencialidades são também desafios e empecilhos. Eis a contradição que nos defronta, porque amarra inteligência e sensibilidade numa camisa de força, limitando nossas ações ao atendimento de demandas de “segunda natureza”, barreira superada só em raras situações.

Quando o dossiê desta edição foi proposto, na metade do ano, tinha-se como objetivo provocar reflexões sobre os muitos enfrentamentos da contemporaneidade, abrindo-se um debate sobre o lugar da comunicação nesse cenário de turbulências. Mas não se esperava que seria o último número de um ciclo de um quarto de século de **LÍBERO**, editada pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Faculdade Cásper Líbero, que entrou em processo de desativação em dezembro. O encerramento do programa, portanto, leva a revista a também concluir um percurso. E isso se dá com um agrupamento de reflexões voltadas a tensões que se revelam de diversas formas e em diferentes circunstâncias, atingindo as ilusões quanto ao alcance e à subsistência dos princípios iluministas, que mais parecem ter se tornado *démodé*.

Nem tudo está perdido, porém. Se, por um lado, os ciclos se encerram e as ilusões se desmancham, por outro, a reflexão segue sendo arma da crítica, o pouco – ou muito, a depender do ponto de vista – que nos resta para seguir em frente, em condições conflituosas e beligerantes, aqui no Brasil e no mundo. Ainda que não necessariamente resulte em mudanças imediatas ou a curto prazo, o exercício do pensamento nos permite respirar no ambiente asfíxiante que tomou conta dos muitos espaços pelos quais circulamos. A arma crítica do pensamento chega como sopro de vida que também nos possibilitou chegar a esta edição da revista, preparada com o mesmo zelo e com a mesma dedicação de que as demais foram alvo, em respeito a autores, colaboradores e leitores. É em nome do coletivo que a entregamos, desejando que sirva de convite a pensar.

* * *

Este nº 52 de **LÍBERO** é aberto com a seção **Texto em Contexto**, que recebe o artigo *Sintonizado em quê? O assustador renascimento da estetização da política*, de Mathias Fuchs, professor da Leuphana Universität Lüneburg (Alemanha) e traduzido ao português por Eduardo Luersen, com fomento concedido pelo governo alemão. Fuchs retoma o conceito de “estetização da política”, de Walter Benjamin (1892-1940), que o considerava elemento-chave do fascismo. Ao autor que nos brinda com abordagem atualizadora das ideias de Benjamin, assusta constatar que, mesmo após as experiências devastadoras do século XX, a racionalidade continua a perder espaço para a cooptação proporcionada pelo apelo às emoções.

O coração da edição encontra-se, sem dúvida, no dossiê **Comunicação em contextos de guerras, conflitos e crises**, editado pelas professoras Marialva Barbosa e Ana Regina

Rêgo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Universidade Federal do Piauí (UFPI), respectivamente, e pelo professor Jorge Pedro Sousa, da Universidade Fernando Pessoa (Portugal). A eles, agradecemos, mais uma vez – e publicamente –, pela paciente condução dos trabalhos, que resultou num consistente conjunto de 10 textos – selecionados de um universo de 25 submissões; portanto, 40% delas. Um quadro referencial que situa a discussão está esboçado no texto introdutório, *Guerras, conflitos e crises: fraturas do contemporâneo em perspectivas comunicacionais*, assinado pelos editores convidados e que se constitui, ele próprio, em um dos aportes da seção temática. Os artigos seguem a trilha dialética da compreensão, avaliando possibilidades e limites de iniciativas comunicacionais situadas em conjunturas demarcadas por guerras, conflitos e/ou crises. Seus autores olham panoramicamente para a história, capturando situações, conceitos e processos que baseiam suas argumentações.

A Guerra da Restauração através dos primeiros gêneros do jornalismo ibérico, de Eduardo Comerlato e Antonio Hohlfeldt, consiste em pesquisa histórica que revisita os confrontos armados travados entre o Reino de Portugal e a Coroa de Castela, no século XVII, identificando que o período se mostrou propício para o estabelecimento das primeiras formas de expressão que confeririam identidade à imprensa na Península Ibérica.

Dando um grande salto no tempo, César Bolaño, em *Imperialismo, guerra, comunicação e a transição do sistema global de cultura na terceira década do século XXI em perspectiva histórico-estrutural*, analisa a origem e a dinâmica dos conflitos bélicos na Ucrânia, iniciados em 2022, que mantêm estreita relação com a mídia e as plataformas digitais. Amparado no método de interpretação marxista, o autor identifica a contenda no leste europeu como sintoma de problemas gerados no bojo do mundo ocidental. E adverte: “A intervenção russa na Ucrânia em 2022 deve ser entendida à luz da crise do capitalismo e da crise de hegemonia dos Estados Unidos”.

Ellen Cristina Moreira e Greice Schneider, em *Desafios de gênero na fotografia de guerra: explorando o espaço bélico através da cobertura de Lynsey Addario*, também discutem as peculiaridades da guerra entre Rússia e Ucrânia – comandada, em grande parte, a partir de recursos tecnológicos, como drones –, mas fixam a atenção na sensibilidade das imagens capturadas por Lynsey Addario, conhecida pelo trabalho em zonas de confrontos. A análise das autoras perpassa a questão de gênero, transversal aos modos de trabalho da fotógrafa e a suas percepções sobre pessoas e cenários.

Conflitos midiaticizados: das vidas perdidas à política das imagens em circulação, de Ana Paula da Rosa, recorre aos fundamentos teóricos da midiaticização para observar como situações de conflito circulam por diversas mídias, levando a atribuições de sentido que estabelecem quais pessoas são dignas de terem suas memórias preservadas. No fundo, os preconceitos que marcam a sociedade brasileira – fundada sobre a estrutura do racismo – se revelam também nesses modos de partilhar significados nos circuitos midiáticos.

Uma sequência de quatro outros artigos se dedica a produções audiovisuais e seus usos em conjunturas extremas ou minimamente atingidas por fortes instabilidades. *A legibilidade histórica das imagens como uma lição de humanidade: notas sobre Falkenau, Vision de l’Impossible*, de Ricardo Lessa Filho, é uma interessante abordagem sobre um filme construído a partir de imagens coletadas por Samuel Fuller, cabo do Exército estadunidense, em

um campo de concentração nazista, na Alemanha, em 1945. Os registros precários feitos pelo militar são transformados, décadas depois, em produção realizada por Emil Weiss, revelando a maneira como a comunidade de Falkenau compreendeu os horrores do nazismo e buscou desferir um último gesto de dignidade às vítimas do holocausto.

Democracia e crise no documentário brasileiro contemporâneo: política, polícia e antagonismo em Branco Sai, Preto Fica, de Guilherme Fumeo Almeida e Carlos Eduardo Ribeiro, analisa as tensões político-sociais verificadas no Distrito Federal brasileiro, cenário visivelmente marcado por desigualdades. O objeto agora focalizado é uma produção dirigida pelo cineasta Adirley Queirós, nascido na Ceilândia, maior cidade-satélite do DF, a partir da qual a história contada se desenrola. Os autores destacam o potencial crítico da obra, que denuncia a truculência do Estado em relação à população periférica, e enfatizam aspectos técnicos do filme, como a mescla entre o gênero documental e elementos ficcionais.

Na mesma linha analítica, *Conflito Israel-Palestina: questões metafísicas sobre a noção de lugar e seus registros documentais*, de Jamer Guterres de Mello e Jansen Hinkel, discute como dois documentários – *Budrus* (da brasileira Julia Bacha) e *Cinco Câmeras Quebradas* (do israelense Emad Burnat e do palestino Guy Davidi) – tensionam as relações entre os habitantes dos territórios palestinos e o lugar que ocupam, em constante confronto com as forças do Exército de Israel. A chamada “questão Palestina”, além de todo o aspecto humanitário no qual está envolvida, também implica na problemática da desconstrução do lugar como signo de pertencimento.

Já *O documentário como estratégia de legitimação do discurso ESG de organizações com desgaste reputacional*, de Sandra Barroca e Ivone de Lourdes Oliveira, se volta à estratégia que vem sendo adotada pela mineradora Vale na tentativa de justificar o injustificável, isto é, de construir uma imagem de empresa preocupada com o meio ambiente e que destina recursos a projetos de preservação de áreas degradadas. Tudo isso em meio aos desdobramentos de grandes desastres ambientais provocados por sua atividade extrativista. As autoras observam a tentativa de construção, por meio da linguagem documental, de um discurso alinhado a perspectivas internacionais da boa conduta esperada do meio empresarial.

O dossiê é concluído com duas abordagens que focalizam as redes sociais. Ivan Paganoti, em *Refutações contra fake news no Twitter de Jair Bolsonaro entre 2015 e 2020: ataques contra a imprensa, deflexões e fontes para desmentidos*, analisa o comportamento do presidente da República em uma das redes sociais de maior alcance, avaliando como o mandatário distorce a compreensão do que é falso conforme seus interesses particulares.

Enfim, Lázaro Magalhães e Netília Seixas, em *O relato que não mais cessa versus a vontade de mentira: ubiquidade, jornalismo e disputas discursivas nas redes digitais móveis*, aproximam vários conceitos pertinentes para pensar como a utilização de dispositivos móveis de acesso a internet atingem os modos como as pessoas se relacionam com fontes de informação jornalística – e de outras origens –, principalmente no que toca ao discernimento sobre a relação entre verdade e mentira.

Na seção **Artigos** – de temática livre –, outros cinco textos completam as contribuições. Três deles têm natureza epistemológica, tratando de possibilidades e limites de certos métodos de pesquisa, começando por *O uso da análise de condutância de pele nas estratégias comunicacionais digitais por atores políticos: reflexões a partir de um estudo empírico*, de

Diogo Rógora Kawano e Leandro Leonardo Batista, que propõe a incorporação de recursos tecnológicos de mensuração de atividade eletrodérmica em análises sobre a recepção da propaganda política, uma vez que esse recurso consegue captar emoções geradas a partir da exposição de sujeitos a conteúdos midiáticos; a discussão se baseia no resultado de uma experiência.

O uso da netnografia na pesquisa em relações públicas, de Kamila Mesquita e Walline Alves Guimarães, apresenta uma revisão sistemática de literatura voltada a identificar investigações da área de relações públicas que se valem da chamada “netnografia”. A partir do mapeamento realizado, as autoras sinalizam tendências dessa possibilidade, mas também identificam lacunas que merecem ser preenchidas.

Potencial narrativo a partir de métodos digitais: uma pesquisa exploratória no Twitter, de Fabia Cristiane Ioscote, relata o teste de uma análise construída a partir de rastros deixados pelo Twitter, coletados com o uso de softwares apropriados para o tratamento de dados digitais. O argumento central é o de que elementos por vezes tidos como dispersos – como emojis – permitem compreender as narrativas em voga.

Os dois textos finais se reportam a questões que orbitam em torno do jornalismo. Aparecido Santos do Carmo e Paulo da Rocha Dias, em *Jornalismo sobre pessoas: o caso da história de interesse humano*, exploram as particularidades de um formato jornalístico potencial daquilo que reconhecem ser uma prática definida por sua relação direta com pautas extraídas das experiências humanas.

Em seguida, Eduardo Ruedell, Viviane Borelli e Maicon Elias Kroth, em *Caso Spiegelgate: uma análise da circulação de sentidos*, refazem o percurso de midiatização de um caso de quebra da ética jornalística – derivado das denúncias sobre um repórter alemão que inventava fontes e enredos –, diagnosticando os elementos que redundam em atribuição de sentido ao assunto em foco. E assim chegamos ao desfecho da edição.

* * *

Esperamos que o acervo crítico que **LÍBERO** formou nestes 25 anos continue à disposição da comunidade acadêmica, subsidiando novos estudos e novas pesquisas e, assim, mantendo viva a memória de um longo e coletivo esforço. Quanto a nós, que trabalhamos, em diferentes momentos, para sustentar sua existência, fique certo que permaneceremos defendendo a comunicação e a ciência como elementos fundamentais da democracia e da luta antifascista, ainda que essa bandeira constitua uma espécie de “pragmatismo utópico”⁵ – o que, enfim, não é nada mal, porque honra a batalha de tantas e tantos pela hegemonia do pensamento comunicacional na América Latina⁶, este lugar, não obstante as dificuldades, de gente insistente em mostrar ao mundo que, parafraseando Noel Rosa, faz ciência também. Defendemos a autonomia científica do campo da comunicação no

⁵ MARQUES DE MELO, José; GOBBI, Maria Cristina (Orgs.). *Pensamento comunicacional latino-americano: da pesquisa-denúncia ao pragmatismo utópico*. São Bernardo do Campo: Cátedra Unesco/Metodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 2004.

⁶ GOBBI, Maria Cristina. *A batalha pela hegemonia comunicacional na América Latina: 30 anos da ALAIC*. São Bernardo do Campo: Cátedra Unesco/Metodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 2008.

Brasil e em outros espaços periféricos sem deixar de reconhecer suas limitações, sem perder de vista seus desafios, sem abdicar da clareza que faz ver o que dita as regras do jogo. Sem ilusões.

Balanço final

LÍBERO encerra um ciclo de 25 anos de publicações ininterruptas com esta **52ª edição**⁷. Em 2022, recebeu **90 submissões**⁸, às quais se somaram outras 25, encaminhadas em 2021 e cuja avaliação se estendeu até o início deste ano. Foram concluídos, portanto, nos últimos 12 meses, **115 processos avaliativos por pares**, resultando em **40 originais aprovados** e **75 rejeitados**. A taxa anual de rejeição foi de **65,21%**, marca alcançada graças à dedicação voluntária de **185 pareceristas** – entre membros do Conselho Editorial e avaliadores *ad hoc* – que se debruçaram sobre os textos.

Detalhadamente, avaliamos, durante 2022, **54 artigos de temas livres**, outros **31 originais** – sendo 30 artigos e 1 entrevista – **direcionados ao dossiê “Comunicação, religião e valores contemporâneos”** (edição 51) e mais **25** – dito anteriormente – **ao dossiê “Comunicação em contextos de guerras, conflitos e crises”** (edição 52). Além disso, escrutinamos **1 resenha** submetida espontaneamente e outros **4 textos** – 3 artigos e 1 entrevista – **encaminhados para a seção especial “Ciências da comunicação nas lentes das epistemologias do Sul”**, comemorativa ao jubileu de prata da revista (edição 50).

Resta, por fim, agradecer aos que contribuíram para que esta última edição pudesse circular: aos pareceristas do ano, todos doutores e atuantes no Brasil e no exterior, cujos nomes estão listados a seguir; aos membros do Conselho Editorial, renovado há poucos meses e apresentado no expediente; à Dora Carvalho, que nos últimos dois anos colaborou com o trabalho de revisão; e ao Alex Silva, autor da fotografia que ilustra a capa.

Aos ex-editores – Mitsuru Higuchi Yanaze, Valter A. Rodrigues, Carlos Costa, Dimas A. Künsch, Dulcília Buitoni, José Eugênio Menezes, Roberto Chiachiri, Luís Mauro Sá Martino, Mateus Yuri Passos, Marcelo Santos de Moraes, Simonetta Persichetti, Ana Luiza Coiro Moraes, Carolina Frazon Terra, Michelle Prazeres e Carlos Eduardo Souza Aguiar –, que cuidaram do andamento da revista, nosso igual reconhecimento. Foram essas muitas mãos que urdiram o projeto de **LÍBERO** e o possibilitaram chegar até aqui, deixando-nos a certeza de que continuará sendo reconhecido pelo que pôde oferecer nestes 25 anos – e que não foi pouco.

⁷ Vale esclarecer que **LÍBERO** nem sempre seguiu um padrão de contagem. Na primeira fase, com periodicidade semestral, algumas edições juntaram dois números em um só, referente ao ano todo. São os casos das edições 3-4 (1999), 7-8 (2001), 9-10 (2002), 13-14 (2004) e 15-16 (2005). Mais recentemente, houve situação inversa, isto é, um mesmo número desdobrado em duas edições distintas (uma delas especial). São os casos de 33 e 33A (2014) e de 37 e 37A (2016). A rigor, portanto, considerando essa numeração heterodoxa, foram publicadas, de 1998 a 2022, 49 edições (de números 1, 2, 3-4, 5, 6, 7-8, 9-10, 11, 12, 13-14, 15-16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 33A, 34, 35, 36, 37, 37A, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51 e 52). Boa parte delas está digitalizada e com acesso aberto para consulta, que pode ser feita por meio deste link: <<https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/issue/archive>>.

⁸ É importante dizer que as submissões foram suspensas no dia 1º de setembro. Logo, esse montante (90 originais) corresponde a encaminhamentos feitos nos oito primeiros meses de 2022.

Pareceristas das edições de LÍBERO em 2022:

Adilson Cabral (Universidade Federal Fluminense, RJ, Brasil)
Adriana Cristina Omena dos Santos (Universidade Federal de Uberlândia, MG, Brasil)
Adriana do Amaral Freire (Universidade Federal de Pernambuco, PE, Brasil)
Alciane Nolibos Baccin (Universidade Federal do Pampa, RS, Brasil)
Alda Cristina da Silva Costa (Universidade Federal do Pará, PA, Brasil)
Aline Amaro da Silva (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, MG, Brasil)
Aline Roes Dalmolin (Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil)
Alisson Machado (Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil)
Ana Paula Silva Ladeira Costa (Universidade Estadual de Goiás, GO, Brasil)
Ana Regina Rêgo (Universidade Federal do Piauí, PI, Brasil),
Ana Taís Martins (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS, Brasil)
Anderson Lopes da Silva (Universidade de São Paulo, SP, Brasil)
Andriolli de Brites da Costa (Universidade do Estado da Bahia, BA, Brasil)
Anelise Angeli De Carli (Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, Brasil)
Ângela Cristina Salgueiro Marques (Universidade Federal de Minas Gerais, MG, Brasil)
Ângela Cristina Trevisan Felippi (Universidade de Santa Cruz do Sul, RS, Brasil)
Antonio Carlos Hohlfeldt (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, RS, Brasil)
Antonio Carlos Sardinha (Universidade Federal do Amapá, AP, Brasil)
Antonio Hélio Junqueira (Universidade Federal do Paraná, PR, Brasil)
Beatriz Becker (Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, Brasil)
Benjamim Picado (Universidade Federal Fluminense, RJ, Brasil)
Bruno Souza Leal (Universidade Federal de Minas Gerais, MG, Brasil)
Camilo de Oliveira Aggio (Universidade Federal de Minas Gerais, MG, Brasil)
Carine Felkl Prevedello (Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, Brasil)
Cárlida Emerim (Universidade Federal de Santa Catarina, SC, Brasil)
Carlos d'Andréa (Universidade Federal de Minas Gerais, MG, Brasil)
Caroline Delevati Colpo (Universidade Federal da Paraíba, PB, Brasil)
Cássio Tomaim (Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil)
Ceiza Ferreira (Universidade Estadual de Goiás, GO, Brasil)
Céres Marisa Silva dos Santos (Universidade do Estado da Bahia, BA, Brasil)
Cicélia Pincer Batista (Escola Superior de Propaganda e Marketing, SP, Brasil)
Clarice Greco (Universidade Paulista, SP, Brasil)
Clarissa Josgrilberg Pereira (Universidade Regional de Blumenau, SC, Brasil)
Cláudia Nonato (Universidade de São Paulo, SP, Brasil)
Cláudia Peixoto de Moura (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, RS, Brasil)
Claudio Rodrigues Coração (Universidade Federal de Ouro Preto, MG, Brasil)
Conceição Clarete Xavier Travalha (Universidade Federal de Minas Gerais, MG, Brasil)
Cristiane Brum Bernardes (Centro de Formação, Aperfeiçoamento e Treinamento, Câmara dos Deputados, DF, Brasil)
Cristiane Finger Costa (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, RS, Brasil)
Cristine Gerk (Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, Brasil)
Daiani Ludmila Barth (Universidade Federal de Rondônia, RO, Brasil)

Daniel Meirinho (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, RN, Brasil)
Daniela Osvald Ramos (Universidade de São Paulo, SP, Brasil)
Dario Azevedo Nogueira Júnior (Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)
Darlane Silva Vieira Andrade (Universidade Federal da Bahia, BA, Brasil)
Debora Cristina Lopez (Universidade Federal de Ouro Preto, MG, Brasil)
Deivison Moacir Cezar de Campos (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, RS, Brasil)
Domingos Volney Nandi (Faculdade Católica de Santa Catarina, SC, Brasil)
Edson Capoano (Universidade do Minho, Portugal)
Eduardo Queiroga (Universidade Federal de Minas Gerais, MG, Brasil)
Eduardo Vicente (Universidade de São Paulo, SP, Brasil)
Elaide Martins da Cunha (Universidade Federal do Pará, PA, Brasil)
Erick Felinto (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ, Brasil)
Eugênio Rondini Trivinho (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, Brasil)
Fabiano Ormaneze (Centro Universitário Padre Anchieta, SP, Brasil)
Fábio Henrique Pereira (Université Laval, Canadá)
Fabio Lanza (Universidade Estadual de Londrina, PR, Brasil)
Fernanda Carrera (Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, Brasil)
Fernanda Ribeiro de Salvo (Universidade Federal do Acre, AC, Brasil)
Fernando Felício Pachi Filho (Faculdade de Tecnologia Termomecânica, SP, Brasil)
Flávia Pinto Leiroz (Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, Brasil)
Florence Marie Dravet (Universidade Católica de Brasília, DF, Brasil)
Francieli Jordão Fantoni (Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil)
Francys Silvestrini Adão (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, MG, Brasil)
Frederico Tavares (Universidade Federal de Ouro Preto, MG, Brasil)
Gabriela Santos Alves (Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)
Gerson Luiz Martins (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, MS, Brasil)
Gislene Silva (Universidade Federal de Santa Catarina, SC, Brasil)
Greice Schneider (Universidade Federal de Sergipe, SE, Brasil)
Gustavo de Castro (Universidade de Brasília, DF, Brasil)
Gustavo Fischer (Universidade do Vale do Rio dos Sinos, RS, Brasil)
Helmut Renders (Universidade Metodista de São Paulo, SP, Brasil)
Herivelton Regiani (Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil)
Igor Sacramento (Fundação Oswaldo Cruz, RJ, Brasil)
Igor Waltz Rangel Messias Pinheiro (Fundação Oswaldo Cruz, RJ, Brasil)
Iluska Coutinho (Universidade Federal de Juiz de Fora, MG, Brasil)
Itania Maria Mota Gomes (Universidade Federal da Bahia, BA, Brasil)
Ivan Bomfim Pereira (Universidade Estadual de Ponta Grossa, PR, Brasil)
Ivan Paganotti (Universidade Metodista de São Paulo, SP, Brasil)
Jacqueline da Silva Deolindo (Universidade Federal Fluminense, RJ, Brasil)
Janaina Visibeli Barros (Universidade do Estado de Minas Gerais, MG, Brasil)
João Cesário Leonel (Universidade Presbiteriana Mackenzie, SP, Brasil)
João Paulo Hergesel (Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP, Brasil)

Jorge Carlos Felz Ferreira (Universidade Federal de Juiz de Fora, MG, Brasil)
Jorge Miklos (Universidade Paulista, SP, Brasil)
Jorge Pedro Sousa (Universidade Fernando Pessoa, Portugal)
José Afonso da Silva Junior (Universidade Federal de Pernambuco, PE, Brasil)
José Antonio Martinuzzo (Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)
José Carlos Marques (Universidade Estadual Paulista, SP, Brasil)
José Cláudio Alves de Oliveira (Universidade Federal da Bahia, BA, Brasil)
José Cláudio Siqueira Castanheira (Universidade Federal Fluminense, RJ, Brasil)
José Guibson Delgado Dantas (Universidade Federal de Alagoas, AL)
José Luiz Braga (Universidade do Vale do Rio dos Sinos, RS, Brasil)
Juarez Tadeu de Paula Xavier (Universidade Estadual Paulista, SP, Brasil)
Juliana Doretto (Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP, Brasil)
Julio Bezerra (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, MS, Brasil)
Jung Mo Sung (Universidade Metodista de São Paulo, SP, Brasil)
Karina Gomes Barbosa da Silva (Universidade Federal de Ouro Preto, MG, Brasil)
Karina Kosicki Bellotti (Universidade Federal do Paraná, PR, Brasil)
Leandro de Paula Santos (Universidade Federal da Bahia, BA, Brasil)
Leticia Cantarela Matheus (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ, Brasil)
Letícia Renault (Universidade de Brasília, DF, Brasil)
Lia da Fonseca Seixas (Universidade Federal da Bahia, BA, Brasil)
Ligja Maria Prezia Lemos (Universidade de São Paulo, SP, Brasil)
Liráucio Girardi Júnior (Faculdade Cásper Líbero, SP, Brasil)
Luanda Dias Schramm (Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, Brasil)
Lucas de Castro Murari (Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, Brasil)
Lucia Santa Cruz (Escola Superior de Propaganda e Marketing, RJ, Brasil)
Luiz Alberto de Farias (Universidade de São Paulo, SP, Brasil)
Luiz Antonio Vadico (Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual, SP, Brasil)
Luiz Signates (Universidade Federal de Goiás, GO, Brasil)
Luiza Carolina dos Santos (Fundação Getulio Vargas, RJ, Brasil)
Magali do Nascimento Cunha (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, SP, Brasil)
Magaly Prado (Universidade de São Paulo, SP, Brasil)
Marcelo Kischinhevsky (Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, Brasil)
Marcelo Pereira da Silva (Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP, Brasil)
Marcia Benetti (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS, Brasil)
Márcia Gomes Marques (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, MS, Brasil)
Marcia Perencin Tondato (Escola Superior de Propaganda e Marketing, SP, Brasil)
Marcio de Vasconcellos Serelle (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, MG, Brasil)
Marcos Paulo da Silva (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, MS, Brasil)
Marcus Vinícius Rios Barreto (Universidade Federal de São Paulo, SP, Brasil)
Maria Angela Pavan (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, RN, Brasil)
Maria Berenice da Costa Machado (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS, Brasil)
Maria Clara Sidou Monteiro (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS, Brasil)

Maria Cristina Dias Alves (Universidade de São Paulo, SP, Brasil)
Maria Cristina Gobbi (Universidade Estadual Paulista, SP, Brasil)
Maria Cristina Mendes (Universidade Estadual de Ponta Grossa, PR, Brasil)
Maria Cristina Palma Mungioli (Universidade de São Paulo, SP, Brasil)
Maria Elisabete Antonioli (Escola Superior de Propaganda e Marketing, SP, Brasil)
Maria Livia de Sá Roriz Aguiar (Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, Brasil)
Maria Teresa de Freitas Cardoso (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ, Brasil)
Marialva Barbosa (Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, Brasil)
Mariana Ramalho Procópio (Universidade Federal de Viçosa, MG, Brasil)
Marina Caminha (Universidade Federal Fluminense, RJ, Brasil)
Mário Messagi Júnior (Universidade Federal do Paraná, PR, Brasil)
Maurício Ribeiro da Silva (Universidade Paulista, SP, Brasil)
Michele Goulart Massuchin (Universidade Federal do Paraná, PR, Brasil)
Michelle Roxo de Oliveira (Universidade Estadual Paulista, SP, Brasil)
Milene Migliano (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, BA, Brasil)
Monica Franchi Carniello (Universidade de Taubaté, SP, Brasil)
Monica Martinez (Universidade de Sorocaba, SP, Brasil)
Mônica Pegurer Caprino (Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação, SP, Brasil)
Mônica Santos de Souza Melo (Universidade Federal de Viçosa, MG, Brasil)
Mozahir Salomão Bruck (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, MG, Brasil)
Osmar Gonçalves dos Reis Filho (Universidade Federal do Ceará, CE, Brasil)
Pablo Nabarrete Bastos (Universidade Federal Fluminense, RJ, Brasil)
Paolo Demuru (Universidade Paulista, SP, Brasil)
Patricia Garcia Costa (Faculdade Paulista de Comunicação, SP, Brasil)
Patrícia Maurício (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ, Brasil)
Patricio Dugnani (Universidade Presbiteriana Mackenzie, SP, Brasil)
Paulo Fernando de Carvalho Lopes (Universidade Federal do Piauí, PI, Brasil)
Paulo Victor Purificação Melo (Universidade da Beira Interior, Portugal)
Pedro Gilberto Gomes (Universidade do Vale do Rio dos Sinos, RS, Brasil)
Priscila Ferreira Perazzo (Universidade Municipal de São Caetano do Sul, SP, Brasil)
Priscila Ribeiro Chéquer Luz (Universidade Estadual de Santa Cruz, BA, Brasil)
Rafael Bellan Rodrigues de Souza (Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)
Rafael da Silva Paes Henriques (Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)
Rafael Sbeghen Hoff (Universidade Federal de Roraima, RR, Brasil)
Rafiza Varão (Universidade de Brasília, DF, Brasil)
Raquel Recuero (Universidade Federal de Pelotas, RS, Brasil)
Raquel Ritter Longhi (Universidade Federal de Santa Catarina, SC, Brasil)
Reges Schwaab (Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil)
Réia Sílvia Gonçalves Pereira (Universidade Estadual do Norte Fluminense, RJ, Brasil)
Renata Cristina de Oliveira Tomaz (Universidade Federal Fluminense, RJ, Brasil)
Richard Romancini (Universidade de São Paulo, SP, Brasil)
Rita de Cássia Romeiro Paulino (Universidade Federal de Santa Catarina, SC, Brasil)

Roberta Oliveira Veiga (Universidade Federal de Minas Gerais, MG, Brasil)
Rodrigo Gabrioti (Athon Ensino Superior, SP, Brasil)
Rozinaldo Antonio Miani (Universidade Estadual de Londrina, PR, Brasil)
Samuel Pantoja Lima (Universidade Federal de Santa Catarina, SC, Brasil)
Sandra Portella Montardo (Universidade Feevale, RS, Brasil)
Sergio Luiz Gadini (Universidade Estadual de Ponta Grossa, PR, Brasil)
Sylvia Debossan Moretzsohn (Universidade Federal Fluminense, RJ, Brasil)
Tamires Ferreira Coêlho (Universidade Federal de Mato Grosso, MT, Brasil)
Tatiane Cruz Leal Costa (Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, Brasil)
Thaiane Moreira de Oliveira (Universidade Federal Fluminense, RJ, Brasil)
Thiago Soares (Universidade Federal de Pernambuco, PE, Brasil)
Tiago Barcelos Pereira Salgado (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, MG, Brasil)
Tiago Quiroga (Universidade de Brasília, DF, Brasil)
Valquiria Aparecida Passos Kneipp (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, RN, Brasil)
Vander Casaqui (Universidade Metodista de São Paulo, SP, Brasil)
Vilso Junior Santi (Universidade Federal de Roraima, RR, Brasil)
Viviane Borelli (Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil)
Walter de Sousa Junior (Universidade de São Paulo, SP, Brasil)

Editores dos dossiês temáticos de LÍBERO em 2022:

Aline Roes Dalmolin (Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil)
Ana Regina Rêgo (Universidade Federal do Piauí, PI, Brasil),
Jorge Pedro Sousa (Universidade Fernando Pessoa, Portugal)
Marialva Barbosa (Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, Brasil)
Viviane Borelli (Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil)